

28/10/94
FITA 34 LADO A
RÁDIO GLOBO
PROGRAMA: PAULO LOPES
ESCUTA: ALEXSANDER
MARCELO

PAULO LOPES: O executivo da Gillete do Brasil, Nilson Ayres de Souza Júnior, de 44 anos, foi assassinado com 5 tiros de fuzil AR15 por 5 homens que tentaram roubar o se Monza no rio de Janeiro. A polícia acha que por estar armado ele foi confundido com policial, a polícia acha isso, por ele estar armado teria sido confundido com policial, aí o mataram. Ele viajava como refém no seu carro. Eu vou falar nesse momento, vou fazer contato nesse instante com Dona Solange Santana de Souza, é a esposa do executivo. A dona Solange nos conta como ela conseguiu falar com os bandidos, ela tava no telefone celular conversando com os bandidos, e ouviu os tiros, negócio impressionante. vamos ouvir o depoimento da dona Solange Santana de Souza.

Dona Solange: Eu tive um contato com os assassinos do meu marido entre meia noite e trinta e dez pra uma mais ou menos, porque o meu marido tava demorando a chegar, eu sabia que ele ia chegar tarde porque ele estava com problema no trabalho, meu marido me ligou onze e cinquenta dizendo que já estava saindo de Botafogo, então eu calculei, onze e cinquenta até aqui a nossa casa meia noite e quinze ou vinte, e fiquei na expectativa. quando eu olhei no relógio já era meia noite e trinta e eu falei, vou ligar, de repente o carro enguiçou e eu posso socorre-lo, foi o que eu fiz e eu fiquei já preocupada porque ele costuma ligar pra mim durante o caminho, ele liga sempre pra mim quando ele está vindo pra casa, ele me liga, olha, tô no lugar tal, tá engarrafado, ele liga pelo celular, e ele não me ligou e eu falei bom, vou ligar, quando eu liguei, não foi ele que atendeu, foi um dos homens que assassinou ou ajudou a matar o meu marido infelizmente, eles disseram pra mim, quer falar com quem? e eu inventei um nome qualquer na hora porque eu achava que tinha ligado errado, e falei que queria falar com uma pessoa mas ele disse que a pessoa tava dormindo, e ele desligou e eu liguei novamente, aí liguei novamente e a mesma voz, só que no fundo eu ouvia voz de pessoas gritando, tipo assim, vamos pro morro do juramento, eu não sei o que uê, uns nomes assim, muita gíria, aquelas vozes estranhas, e eu falei moço, eu sou a esposa do seu Nilson, ele tá aí com o senhor? o senhor trabalha com ele? Seu nome é Carlos? Eu comecei a falar assim sabe e durante todos esses minutos eu chamei ele de Carlos o tempo todo, e ele falava é isso mesmo, meu nome é Carlos. O meu marido tá? e ele disse assim pra mim, olha, eu vou contar a verdade pra ~~senhora~~, nós estamos, nós assaltamos o seu marido e nós sequestramos ele, e eu falei, mas como? ele é um trabalhador, não é dono de empresa, esse carro é da companhia, esse carro é da Gillete do Brasil, nem é dele, o que que vocês querem da gente? ele falou assim pra mim, Pois é dona, eu acho que nós pegamos a pessoa errada, nós

pegamos a pessoa errada, eu vou fazer uma coisa pra senhora, a senhora vai dormir, dorme, aliás ele não me chamava de senhora, ele me chamava de você, você vai dormir, e eu vou dar dinheiro pra ele e vou mandar ele embora pra casa de táxi. Eu falei, faça isso pelo amor de deus, nós temos dois filhos pra criar, e perguntei se ele era pai, e ele disse pra mim que era, eu falei, pelo amor dos seus filhos, por favor senhor, mande o meu marido agora pra casa, eu tô desesperada, eu tô passando mal, eu quero o meu marido em casa, e ele disse pra mim, agora não dá pra fazer isso não, vai dormir e de manhã você tem notícias. Eu desliguei, entrei em contato com as pessoas da segurança da Gillete do Brasil, e contei tudo o que estava acontecendo, e eles me pediram por favor que eu não entrasse mais em contato pelo celular, e foi o que eu fiz.

PAULO LOPES: Meu deus do céu. Ai ai, estamos aqui ouvindo tudo isso quietinhos, calados, essa narrativa do coração dessa mulher. A violência que está se tornando uma coisa banal, comum, e aí é que está o perigo, quando a violência se torna uma coisa comum, quando você aceita, quando você ouve um depoimento desse e não tem reação, aí a coisa tá ruim, porque você tem que ter reação, você não pode ouvir um depoimento desse e ficar quieto. O que está acontecendo no Rio de Janeiro é uma coisa triste, a morte desse homem, como ela disse, ele era um trabalhador, ele não era o dono da Gillete, não era sócio da Gillete, era um trabalhador, o carro nem era dele, e os bandidos o mataram com cinco tiros. O que me entristece disso tudo, as lições que a gente pode tirar disso. Eu não vejo ninguém dos direitos humanos ir lá e dizer, senhora, eu vim trazer minhas condolências pra senhora. eu não vejo ninguém dos direitos humanos irem lá na casa dessa família e dizer, o que a senhora tá precisando, a senhora perdeu o seu marido, ele deixou filhos. Agora, se é um bandido que a polícia foi lá e matou, vem os direitos humanos, vem gente dos EUA, vem pra cá e.... Francisco Rossi, que você pensa Francisco Rossi?

ROSSI: É um absurdo isso. eu quero em primeiro lugar saudar os seus ouvintes, você, meu queridos amigos, o Kito Junqueira, o Gilberto. É Muito triste, uma notícia dessa nos entristece, você tem razão, é, direitos humanos pra bandido, e como é que ficam as pessoas que estão aí, as pessoas que ficam a mercê desses bandidos, dessa violência. Direitos humanos é claro que a gente tem que defender direitos humanos, mas pra todo mundo e principalmente pras vítimas, não pros bandidos que ficam aí usando armas moderníssimas, poderosas, matando um, arrancando o braço esquerdo inteirinho com uma arma, quer dizer, matou um, tirou a vida e o outro fica inutilizado pro resto da vida, então é uma coisa muito triste. Eu francamente Paulo, eu sou candidato ao governo, eu vou governar São Paulo com mão forte, direitos humanos não vai ser só pra bandido não, tem que ser é pra todas as pessoas, o bandido tem que ser tratado com o rigor da lei, porque as leis existem aí é para serem cumpridas, e não de repente o bandido dar um tiro num policial né, o policial se defende, dá um tiro no bandido, quem vai sentar no banco dos réus é o policial, não é o bandido não, aí vem uma comissão de direitos humanos pra defender os interesses do bandido, e ninguém vai lá prestar solidariedade ao policial, a vítima, uma mãe de família, de repente entra um bandido na sua casa, pinta e borda dentro da casa, como é que fica essa questão dos direitos humanos? Você tem razão Paulo, isso precisa acabar, isso precisa mudar, e tem jeito, tenho certeza que tem jeito, e é por isso que eu

me apresento aí como candidato ao governo, de repente tem um monte de gente aí se unindo contra o Francisco Rossi, mas eu vejo que as pessoas de bem estão do nosso lado, porque aqueles que estão se juntando lá do outro lado querem que essas coisas continuem, eles querem que essas coisas permaneçam, porque eles estão aí a tantos anos e não mudaram nada, a coisa só tem feito piorar, as coisas pioram cada dia que passa. Então o Francisco Rossi no governo do estado vai representar um novo tempo, em tempo de segurança, um tempo que se deus quiser, quando eu estiver deixando o governo, porque as coisas passam rápido, 4 anos passa rápido, mas dá pra fazer muita coisa, é preciso voltar ao tempo em que as pessoas podem sair a noite, a qualquer hora, e não serem intimidadas pela possibilidade de serem agredidas, ser abalroada, um bandido chegar e de repente assaltar, estuprar, fazer mil e uma, é preciso que se dê segurança às pessoas, e nós vamos dar Paulo.

PAULO LOPES: Você só vê o seguinte, qual é a vida que tem mais valor? A vida de um chefe de família, que tem os seus filhos, que é trabalhador, ou a vida de um bandido? Ou a vida de um marginal? Qual é a vida que tem mais valor? De um canalha desse que já teve 10 processos, que já tá condenado a não sei quantos anos, ou a vida de um chefe de família? Que luta pra criar seus filhos, que tem sua casa, que tem sua esposa.

PAULO LOPES: Quem apoia quem na disputa pelo governo de São Paulo? O deputado Cunha Bueno afirmou que o PPR paulista poderá anunciar o apoio ao governo do Mário Covas. O presidente do PPR esteve no nosso programa, Jorge Yunes, e disse que o PPR vai abrir e o cidadão apoia quem ele quiser. Os deputados podem apoiar quem quiser. A grande verdade é que o Francisco Rossi tem o apoio do Romeu Tuma, do Barros Munhoz, apoio do Gilberto Nascimento. Francisco Rossi, eu ouço aí partido tal apoiando Mário Covas, o PT todo tá apoiando o Mário Covas, como é que você vê essa situação Francisco Rossi?

ROSSI: Bom Paulo, eu assumi desde o início da minha campanha uma postura com o compromisso com a verdade, sem falsas promessas, sem mentiras, sem ataques pessoais a quem quer que seja, mas uma outra postura que eu assumi é de fechar o estado pra balanço, porque nós sabemos, sem que isto represente acusação pra quem quer que seja, que o gigantismo da máquina permite sim que haja corrupção, haja desperdício, haja mordomias, haja funcionários fantasmas, toda uma situação que configura uma sangria permanente dos recursos do governo do estado, é como se fosse uma imensa caixa d'água cheia de buracos por onde vai se esvaindo tudo aquilo que o governo arrecada, e hoje o governo não tem condição de investir um centavo em área nenhuma, ou seja, o estado está falido. Então, quando eu vejo esses apoiantes, e aí a imprensa tenta passar a idéia de que eu tô sozinho, aliás a bem da verdade as vezes até antes só do que mal acompanhado né, diz o adágio popular, eu prefiro estar com pessoas de bem, eu quero uma aliança com o povo, com pessoas de partidos diferentes sim, mas que não sejam compromissos com aqueles partidos tradicionais que tem aí tido as suas oportunidades e nada fizeram. Eu entendo que no momento, inclusive alguns apoiantes, o Mário Covas tá anunciando aí com estardalhaço, dizendo que recebeu, que festeja, faz reunião, são apoios que eu recusei, porque eu quero estar livre, eu sou o

único que tenho condição de governar esse estado e resolver essa questão ética e moral porque eu vou estar independente pra fazer isso.

PAULO LOPES: Quer dizer que você representa a mudança total de tudo o que está aí?

ROSSI: A mudança total, eu não tenho rabo preso com grupos econômicos, a minha campanha continua uma campanha humilde, pobre, uma campanha feita com dificuldade. A minha campanha é uma campanha sem compromissos a nível partidário, PPR se eu quisesse, o PPR teria se engajado na minha campanha, mas só que eu quero desvinciliar dessa prática que tem sido comum na política nacional do toma lá dá cá. Olha, eu te apoio se você me der um espaço pra ocupar tais e tais secretarias. Não, eu acho que a gente tem que dar uma abertura, essa mudança implica primeiro numa transparência total nessa questão de editais de concorrência pública. Se o PT tá fazendo discurso aí que essas concorrências são direcionadas, obras super faturadas, compras e serviços super faturados, então sai ali da porta do discurso e venha aqui dentro participar da comissão pra dar transparência àquela certeza de que tudo vai ser feito direitinho sem obra super faturada, sem direcionar essa concorrência pra tais e tais empresas, ou essa compra, ou esse serviço. Nós temos que buscar uma participação da sociedade civil, chega do governador dizer qual é a obra prioritária, tá na cabeça dele as vezes, vamos fazer tal estrada, vamos duplicar tal estrada, quem tem que dizer em cada região é a sociedade civil, é o professor, é o sindicalista, é o operário, o trabalhador, dizendo qual é a obra prioritária naquela região, por exemplo, se ali na região do Vale do Paraíba, um região onde eu nasci ali em Caçapava, de repente alguém, a sociedade civil decide, olha, nós temos 5 obras prioritárias, que é continuação da Carvalho Pinto, esgoto na cidade, esse problema da Dutra que é grave, então lista ali, 4 ou 5 prioridades, paralelamente a isso nós levantamos a situação do estado e verificamos que vai haver recursos pra resolver duas prioridades, então, a própria sociedade civil ajuda a governar e vai decidir, bom, qual é a prioridade das prioridades? É governar seriamente sabe, sem essa de o governador em fechar poderes, nós temos que fortalecer os municípios pra acabar com essa história do Prefeito, o Vereador chegar de chapéuzinho na mão, pedindo pra sua cidade aquilo que é de direito da comunidade, do povão que está vivendo ali dentro daquela cidade.

PAULO LOPES: Mas Francisco Rossi, dentro desse apoio, você não vê também a participação de muita gente, por exemplo, o PT, tá apoiando o Mário Covas, é bom pra você o PT apoiar o Mário Covas ou é ruim pra você?

ROSSI: Olha, eu não quero criticar o Senador Mário Covas, até me merece respeito, ele é uma pessoa que realmente merece o meu respeito, é uma figura que tem uma história na política nacional, mas veja, como é que ele vai conseguir governar o estado de São Paulo se ele tá fazendo acordo com o PT e com o PPR? São linhas políticas completamente distintas.

PAULO LOPES: Um não sobe no palanque do outro.

ROSSI: E é uma incoerência também. O Zé Dirceu, as pessoas devem se lembrar nos debates na televisão o que o Zé Dirceu criticou Mário Covas pelo

acordo que ele havia feito com o PFL, e agora o Zé Dirceu sentadinho ali no colo do PFL, como é que ele vai se explicar? Eu quero não o apoio do seu Zé Dirceu ou da cúpula do PT, o que eu quero é o voto daquelas pessoas de bem, que querem realmente uma mudança nesse estado e que de repente votaram no PT. Então eu quero o voto dessas pessoas, eu quero uma aliança com o povo, eu quero o voto daqueles que votaram no PPR, de todos os partidos, é essa a aliança que eu quero estabelecer, eu não quero aliança, aquelas alianças viciadas, bom tal partido vai apoiar mas quantas secretarias você me dá? Isso você tem que acabar porque vai continuar a mesma coisa, o seu Mário Covas disse outro dia num programa, a hora não é de fechar o estado pra balanço, é claro que ele não vai poder fechar o estado pra balanço, se ele tá aceitando o apoio do Fleury, o Fleury todos sabem qual é a situação do professor, qual é a situação do policial militar, qual é a situação do aposentado, porque até isso o aposentado perdeu, porque antes o funcionalismo público do estado, o cidadão se aposentava, ele tinha o mesmo vencimento daqueles da ativa, agora o Fleury inventou uma gratificação que não está incorporada nos vencimentos daqueles que estão na ativa e não se incorpora ao vencimento do aposentado, o aposentado tá ganhando em alguns casos menos do que o piso salarial, então ele tem o apoio do Fleury, claro que ele não vai fechar nunca o estado pra balanço tendo o apoio do Fleury. Como é que ele vai compatibilizar um Paulo Maluf com o Lula, o seu Zé Dirceu? Ou seja, eu entendo, não é nenhuma crítica que eu faço aqui ao Mário Covas, repito, eu o respeito, mas ele não vai ter condição nunca de governar o estado de São Paulo, ele não vai ter nunca condição que eu tenho e vou ter pra governar o estado. Eu não estou nenhum pouco preocupado com esses apoimentos, acho até uma gracinha isso no jornal. Por exemplo, Paulo Maluf apoiando o Mário Covas, o Paulo Maluf, que eu respeito, acho que é um homem competente, trabalhador, mas politicamente ele vai conseguir uma proeza nessa eleição, sem disputar eleição ele vai conseguir perder três vezes nessa eleição, o Medeiros, o Munhoz e agora com o Mário Covas, porque as pesquisas de opinião pública, que eu tenho, que me permitiu dizer no dia da eleição, eu vou jogar aí, com excessão de uma única que é o Data Folha, eu disse, eu vou pegar todas essas pesquisas e vou jogar na lata do lixo, não foi nenhuma bravata não, não foi nenhum gesto agressivo, eu quis marcar minha posição, porque eu sabia de algumas pesquisas equivocadas e outras manipuladas.

PAULO LOPES: Ô Francisco Rossi, só pra terminar, estamos em cima da hora, é o seguinte, dizem que você é bravo, que você dá soco na mesa, você grita, que você faz isso, aquilo, e o Mário Covas é uma pessoa mais passiva, o Mário Covas é uma pessoa mais boa, uma pessoa mais contemporizada, como é que você vê isso?

ROSSI: Não, eu não grito, não dou murro na mesa, eu sou uma pessoa serena, mas sou muito firme na hora de exercer a minha autoridade, eu exerço a minha autoridade com todo o rigor que a lei me permite exercer a minha autoridade. Não sou de gritar, de dar murro na mesa, todo mundo tem os seu 5 minutos, eventualmente eu até posso ter, mas isso não é com frequência não, é esporádico. Agora, o Mário Covas tem o estilo dele, eu não vou absolutamente estabelecer uma comparação entre o que eu sou e o que ele é, eu acho que quem tem que fazer essa comparação é o eleitor. Quem me vê na

televisão no horário gratuito vê o Francisco Rossi de corpo inteiro, ou seja, eu sou o que eu sou.

FIM.
